

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMLHE043674

FARJALLAT, Célia Siqueira.  
Campinas, 17 dez., 1975.

Reencontro.

Correio Popular,

Destacar este documento

# REENCONTRO

*Conceito Popular*  
C. Siqueira FARJALLAT

17  
12  
75

Quarenta anos após, deu-se o reencontro. Sem lágrimas, sem sentimentalismos, mas com a emoção verdadeira e forte dos que retornam após longa separação. Em 1935 havíamos todos partido da Escola. Lá fora, era o mundo um grande enigma a ser desvendado, o campo de batalha onde lutaríamos, penosamente, por um lugar ao sol.

A maior diferença, talvez entre a nossa e a geração atual é exatamente aquele nosso deslumbramento perante a vida, aquele misto de respeito e de interrogação, de firmeza na luta e de ingênua confiança. E havia ainda o que hoje está fora de moda, havia respeito e amor pela Escola e pelos mestres; muito desprendimento para iniciar o magistério com humilde dignidade, pelos primeiros degraus, como professores de roça, em ambientes sem conforto algum, mas onde viviam brasileirinhos de pés no chão. Não se falava tanto em civismo, mas cada normalista era capaz de renúncias, e vibrava de patriotismo, traduzido em ações. Não se falava tanto em assistência social, mas cada professorinha sabia fazer de sua escola um fulcro de benemerência, repartia frequentemente seu ordenado modesto com as crianças mais pobres, a quem educava com amor.

Também normalista alguma fazia de seu curso um trampolim para as Faculdades. Mesmo porque não havia Faculdade de Filosofia. Mas sobravam escolinhas em lugares distantes, em logins fazendas e sítios ermos, somente alcançados após horas e dias de penosa viagem. E as meninas e rapazes de 35, como de outras turmas da mesma época, mal saídos da Escola, guardavam o diploma, arrumavam malas, engavetavam os poemas e os albuns de sonetos, e partiam com naturalidade para a missão de educar crianças, onde quer que houvesse uma sala de aula.

Mas, falávamos do reencontro de agora. De um reencontro alegre e informal, cordialíssimo e sincero, bem de acordo com a mentalidade de gente sofrida, forjada na dura escola de um trabalho estafante. Com que júbilo todos se abraçaram, e trocavam impressões, e comentavam seus êxitos modestos e diziam dos filhos encantadores e dos netos Ma-ra-vi-lho-sos. Como brilhavam os olhos cansados, como se agitavam aquelas mãos calejadas, como vibravam aquelas criaturas — meus colegas — quase todos gastos por longos anos de muito trabalho!

Ah, como quisera saber expressar em palavras de ouro, ligadas pelo fio invisível da mais pura amizade, a minha profunda emoção! Como quisera saber expressar o júbilo e o orgulho de ter sido também da turma de 35! Como gostaria de dizer a cada um de vocês quão importante foi seu trabalho, quão valiosa a dura lida, e quão merecido o prêmio da aposentadoria. É verdade, que alguns continuavam ainda lecionando, ou por terem ingressado tarde, ou interrompido a carreira por alguns anos, ou ainda por não terem tido coragem de se desligarem da escola, presos à magia do magistério.

Destacar este ou aquele colega é sempre correr o risco de "pegar" por omissão. Mas, permitam-me uma referência a Cecília Cintra, hoje advogada brilhante, e sempre a grande artista, esta Cecília, cuja voz magnífica, prendeu-nos durante a Missa, e mais tarde no anfiteatro da Escola, quando, ao piano, acompanhou as colegas, que sob a regência de Dona Maria entoaram velhas canções escolares. E quero destacar ainda: Irene e Carmem, Sara e Maria, Elisa para quem o tempo foi misericordioso não lhes deixando marca visível. E ainda Egídio com a mesma "verve" e bondade de sempre; as duas Quininhas; Inês, Rosinha, Leilah, Leonor, Maria Antonieta, Adelia, Aninha, Belmira, Maria Francisca, Ilse, Zezé, Lurdinha, Alzira, Ruth, Léonor, Maria, Nair Ondina, as duas Olguinhas, Marina, Italina, Lydia, Yolanda e naturalmente, os rapazes, José, Weimar, o grande Solon, e o poeta João.

Retornar é sempre reviver um pouco. E percebi que a emoção maior foi a da visita à antiga Escola Normal, e nela a busca na Galeria da Saudade, ora na Sala de Professores, dos retratos dos antigos Mestres, que foram lecionar além, lá muito alto, talvez aos Anjos do Senhor. Emocionante também foi a concentração no anfiteatro da Escola, onde Dona Maria regeu por longos anos o melhor Orfeão do Estado, glória e orgulho de todos nós.

Teve a música o dom de encurtar distâncias; o tempo recuou no espaço, e — oh, milagre da arte! — vozes cristalinas e perfeitas, como de adolescentes entoaram outra vez as cantigas de outrora. Ali não estavam mais professores festejando quarenta anos de formatura. Mas, normalistas quase meninas, cantando com entusiasmo "Minha Casa Pequeninha", "Luar do Sertão" e "Canção da Despedida"; destacando-se dentre todas as vozes, aquela, privilegiada, da Dona Maria, eternamente jovem, maravilhosamente afinada.

Mais tarde, ao almoço, por sugestão da Marina, cada um se ergueu, e falou um pouco de si mesmo e de suas lutas, dos ideais atingidos dos filhos e dos netos, que por adorável coincidência, eram todos MARAVILHOSOS.

Quatro ex-professoras honraram com sua veneranda presença o reencontro feliz: Dona Maria, Dona Olga, Dona Sílvia e Dona Josefina. O querido paraninfo, Nelson Omegna, não podendo comparecer, enviou carta lindíssima, dizendo de seu coração septuagenário, incapaz de suportar emoções tão fortes, e lembrando da velha previsão: a vitória da turma de 35.

Por fim, o adeus. Reunidos por algumas horas, dispersaram-se de novo, à semelhança das andorinhas. Partiram todos para a rosa dos ventos com novo alento e redobrada coragem. Dona Maria ainda observou sorrindo:

— "Espero encontrá-los todos daqui a quarenta anos!"

Não serão quarenta desta vez. Não nos resta muito tempo para novos reencontros a longo prazo. Quando, então? No ano que vem, se Deus quiser. E que, desta vez, ninguém se omita, ainda que resida nos confins da Terra. Quando a Egídio convocar, e quando João, tão poeta hoje como aos vinte anos, disser: "Alô, minha gente!" — é para deixar tudo: aulas, casa, marido, filhos, netinhos maravilhosos, e responder:

— "Presente, Amigos! Aqui estou, outra vez, para celebrar os bons velhos tempos..."